12 2023

Que a eternidade nos abrace

Toni Negri

Tradução e notas de Augusto Jobim do Amaral

Com estas palavras, faz 4 anos, concluindo o terceiro volume de sua biografia, "Storia di un Comunista 3: Da Genova a domani"[1], *Toni falava com serenidade da sua morte.*

Parece-me ser às vezes completamente estranho ao mundo que me rodea. Curiosa sensação para quem encheu três volumes de uma história de intensa imersão no existente. Provavelmente, digo-me, isto sucede porque sou velho; por mais que fique nervoso tratar de manter aberta a comunicação com os amigos mais jovens e despertos, minha percepção é obtusa. Mas logo me pergunto: poderá ser que minha consideração sobre do mundo e esta sensação de estraneidade não dependa de mim, de minha insuficiente e reduzida atenção, senão de que o mundo que me rodea seja realmente feio e inconsistente? Não será que minha confiança no ser, minha admiração pelo que está vivo, já não corresponde a algo que se possa amar?

Feio, belo, vivo, amado... são adjetivos de difícil definição e de altíssima relatividade. Talvez então, para confirmar minha dúvida, não deveria depositar minha confiança nestes termos. Talvez o

único adjetivo que valha, entre muitos que utilizei desde o princípio seja "estranho". Um efeito de distanciamento é o que provoca em mim as linguagens e os estados de ânimo, não importa se individuais ou coletivos, que ressoam na sociedade, fora de mim. Tenho a sensação de ser surdo e de escutar ruídos confusos. Em realidade, estou um pouco surdo, mas não ouço sons confusos pelo ouvido, mas sim com a alma, com o cérebro. O mundo que me rodea me escapa. Tive uma vida longa, enfrentei enormes contradições e conflitos mortais, mas sempre sabia do que se tratava, os elementos da contradição e do conflito estavam dentro de um marco conhecido ou, de algum modo, significante. Por que então o significado dos acontecimentos que hoje se dão ao meu redor são obscuros e me escapam? Em que consiste sua insignificância? Há todo um mundo novo que representa esta estraneidade. Um mundo novo, mas cansado, prostrado diante das dificuldades físicas, políticas e espirituais de sua própria reprodução. Dificuldades econômicas e queda de referenciais políticos, coletivos e de valor. A comunicação se tornou frenética, mas os significantes desaparecem na velocidade. Há confusão nos espíritos. Há corrupção nas linguagens. Os velhos referentes de luta desapareceram: direita e esquerda, sindicatos e partidos, sentido e significado da história... este é o mundo que me rodea. Não depende de minha velhice, do meu cansaço: é assim.

Quando reflito sobre esta fenomenologia do presente, quanto mais afino o olhar, mais me parece que a única figura valorativa e descritiva que impregna o mundo dos significados e permite descrevê-lo é a do niilismo. Os signos carecem de significado, os rostos carecem de sorriso, os discursos estão vazios. Não sabemos de que falar. Vejo no rosto altivo do interlocutor uma careta; é sempre a mesma que encontro na maioria dos meus interlocutores. Portanto, é uma grande festa quando se encontra algo livre desta

patologia. A gente está desesperada. Quando penso naqueles que, na minha época, já antiga, desenvolveram concepções niilistas para sua filosofia, e com frequência concluíram na *krisis*, no pessimismo e na expectativa da catástrofe (e meus leitores sabem com que constância e com que dureza os combati) – quando volto a pensar neles, quase me comove agora sua enfermidade, que era consciente e padecida. Enquanto que hoje tenho frente a mim personagens cuja ética é niilista e catastrófica, não como resultado de um trabalho crítico, mas porque sua existência é inconsistente, ainda quando, conhecendo-os, pareçam que vivem uma vida ordinária. Em realidade, não tem paixões, não tem significantes, não tem fé – por mais que seja, pensam que a linguagem deveria ser purificada, lavada e relavada, e levada a uma pureza significativa – a pureza do tanque dentro da qual esteve fazendo a limpeza. Em verdade, jogam o significante fora junto da água suja do banho. Resta a eles aquele ideal de pureza – a "reine" da razão, da sensibilidade, do conceito –, que se tornou adjetivo do vazio, do mero resto depois do esvaziamento
do ser. Quando vejo ao redor me sinto rodeado destes *zombies*, de milhões de *zombies*.

É de verdade novo este mundo? É certo que se consolidou faz pouco, está crescendo e logo este "novo" ocupará tudo. Mas não é novo. Tenho oitenta e cinco anos. Até os meus vinte e cinco, trinta, este "novo" mundo era, em formas sólidas e efetivas, o mundo do entreguerras e do segundo pós-guerra. Era esse mundo que me oprimiu e contra o qual combati. Havíamos o destruído parcialmente e o metido no sótão; agora este mundo velhíssimo reaparece hegemônico. Este era o mundo fascista da minha infância e juventude. Era o mundo no qual "patriarcado-exploração capitalista-soberanista da nação" investiam como padrões as vidas e as cabeças das pessoas. E traíam a generosidade e a inteligência dos

jovens para induzi-los a aventuras ilusórias: o patriotismo, a nação, a raça, a identidade e a masculinidade assumidos como valores superiores. Este mundo se chama fascista, não somente conservador mas reacionário, não somente religioso mas fanático da destruição de toda liberdade. Um mundo onde a fadiga de viver dominava sobre qualquer outra paixão e uma dura disciplina obrigava as almas à insensibilidade diante da dor. A opressão empurrava até à insignificância. O mundo atual novamente se tornou assim?

Mas, se é assim, como poderão me ler, como poderão me compreender os jovens de hoje? Meu livro parecerá a eles afundar em profundidades distantes, dificilmente acessíveis. Será para eles um documento arqueológico. E meu editor, por que deve publicar este texto no máximo digno de arquivo? Há, todavia, um número de velhinhos que apreciará esta história e agradecerá ao editor por publicá-la?

Quando – não faz muito – um horrendo personagem fascista ascendeu à presidência de um grande país, Brasil, alguns jovens amigos que perguntavam: "o que podemos fazer? Como podemos resistir?". Respondia a eles: "não tenham medo".[2] Esta é a condição para construir uma resistência grande e eficaz. O fascismo se rege pelo medo, produz medo, constitui e mantém o povo amedrontado. Não ter medo: isto é tudo que necessitamos ser capazes de dizer à gente, entre nós, na multidão que hoje sofre com o regresso da barbárie fascista, também aqui, sob o nosso sol. Não ter medo de romper a prisão da linguagem vazia que nos impõe e rir-se da autoridade, onde quer que ela se apresente com a grotesca máscara fascista. Não ter medo significa liberar as paixões e assim preencher aquelas formas linguísticas que o processo de submissão fascista deixou vazias. Parece que o século se obscureceu: rechaçar o medo, produzir resistência é, antes de tudo, dissipar as sombras, reconquistar os sentidos das palavras. Enchê-las de coisas, de

realidade, de liberdade. Subjetivá-las. Mas a operação principal em reconhecer que o fascismo é sempre o mesmo, é sempre repetição da violência para bloquear a esperança, é o velho – os desvalores absolutos do patriarcado, da violência, da exploração e da soberania – que voltam a ser propostos ilusoriamente para impô-lo como necessidade do espírito e obrigação moral, enquanto é fundamento de uma cultura de morte. "Viva a morte" é a palavra de ordem do fascismo.

"Viva a vida", é a resposta de quem não tem medo. A primavera retornará – sempre volta! O fascismo parece eterno e, de fato, (mesmo que seja breve) parece uma pena demasiadamente longa – mas é frágil o fascismo. Enfrentando a paixão por viver livre, pouco ele pode aguentar. A liberdade se impõe necessariamente contra o fascismo, porque com a liberdade estarão as outras paixões políticas fortes, como a paixão pela igualdade e a paixão pela fraternidade. Voltará a primavera e será uma verdadeira estação do novo. Porque se o fascismo é sempre igual, a primavera da liberdade é sempre nova, sempre distinta, sempre cheia de presentes.

Observem o passado, vejam de novo as grandes estações de luta. Poderíamos remontar tantas... bastam dois exemplos. 1848 e 1968 são datas fundamentais para a minha geração. A primeira, a inauguração do socialismo na Europa, dentro e contra o desenvolvimento das contradições trazidas pelas Revolução Francesa e da maturação da acumulação capitalista. Deste encontro surgiu o antagonismo da liberdade contra a igualdade e o da igualdade contra a fraternidade dos povos *versus* a liberdade como nacionalismo e soberanismo. Os reacionários estão sempre de um lado, fixos, bloqueados na defesa de seus privilégios; os revolucionários, pela primeira vez, alçavam a bandeira vermelha da fraternidade entre os povos. Ao 48 seguiu-se um século de lutas ferozes. O socialismo se afirmou, logo foi derrotado, mas de

qualquer modo deixou um enorme legado de bens públicos, melhor dito, de "comuns" para as novas gerações. O 68 se abriu sobre este terreno de inovação e de potência. O "comunismo" foi seu horizonte. Tratava-se de tornar *comum* aquilo que era *público*, de obter *mais comum* do público conquistado no jogo democrático. O fruto do socialismo devia ser multiplicado.

Estivemos e estaremos dentro desta batalha, nossa e de nossos filhos. Renovado aquele sopro de vontade democrática que mais uma vez meteu o mundo de cabeça pra baixo. E se repete: a cada dez anos, mais ou menos, temos grandes episódios, difusos e generalizados, de revolta. Os ciclos Kondriatev terminaram. Os ciclos de subjetivações do comum prevaleceram. A cada vez, adequando a resistência para superar os obstáculos criados por uma repressão agora convertida em "ciência de governo". Cada *governamentalidade* é uma operação capitalista e soberana para bloquear e comprimir os movimentos produtivos do trabalho vivo. A resposta é um ataque renovado por parte dos movimentos de cidadãos-trabalhadores e uma capacidade de desfrutar as conquistas obtidas.

Olhemos com atenção este jogo que depois de 68 se colocou em ação. Resistência dos trabalhadores para alcançar a satisfação de velhas e novas necessidades, logo repressão. Mas consegue a repressão o objetivo de bloquear a ação subversiva? Muitas vezes nos vimos obrigados a dar uma resposta positiva a esta pergunta. Mas ainda quando o movimento subversivo seja bloqueado, devemos ver se verdadeiramente a luta teve um resultado negativo (ou relativamente negativo). E bem, não é assim. As reformas que as lutas – inclusive as perdedoras – acumulam são importantes, são um aumento do "comum" nas mãos das multidões proletárias. Atenção às velhas vozes que vem do passado: significa, a positividade deste processo, que se deve ser "reformista" na

condução do movimento? Absolutamente não. Os reformistas não acumulam nada de *comum*, acumulam apenas derrotas e demolições do *comum*, colaboram com a *governança capitalista*, sujam e pervertem as lutas. Pelo contrário, somente as lutas de resistência que se tornam subversivas acumulam a riqueza do *comum* e a subdivide entre *instituições do comum.* Envolvidos de instituições do comum, conquistamos certo progresso para nossas vidas e de nossos filhos. Isto testemunho com muito gosto na minha velhice.

Mas para manter aberto este dispositivo do "comum", de sua conquista e de sua acumulação, a história das lutas nos ensina que devemos nos organizar. Passei minha vida tentando resolver esta tarefa. Não creio ter conseguido; quer dizer, descobrir uma fórmula organizativa que tivesse a eficácia do "sindicato" na Segunda Internacional ou do "Soviete" na Terceira. Identificamos o terreno da multidão como conjunto de singularidades, que operam como enxame, como rede, provavelmente organizável numa verdadeira *democracia direta*. Entretanto, nunca conseguimos ir mais além de experiências *"in vitro"*. Mas este é o caminho, e percorrê-lo já permite à dialética da resistência e subversão desestabilizar o poder inimigo e desestruturar seu sistema de produção, portanto, preparar-se para a conquista do comum e para a construção de instituições do comum. O caminho a trilhar é ainda longo e a falta de organização e os tempos vazios da empresa subversiva cobram caro.

Enfrentamos um fascismo que ressurge. Sabemos que a luta se faz difícil. Não tenhamos medo. Mantenhamos a linha de frente. Pensemos que nossa resistência é eficaz. Mas é necessário preparar-se para as consequências extremas que o fascismo pode chegar: a guerra. Quem viveu a guerra, quem a sofreu, sabe que a guerra é, foi e será uma irresistível máquina de destruição. E desta vez, de toda a humanidade, dados os meios bélicos que as grandes

potências capitalistas podem utilizar. Guerra entre potências = destruição das raízes do humano. O fascismo pode produzir este desastre do humano, este massacre de sua história no planeta. Portanto, combater o fascismo significa lutar a favor do humano. Sem esquecer jamais que o fascismo é capaz de destruí-lo, quando as regras patriarcais da sociedade, a estrutura de mando para exploração e a soberania de seu próprio interesse na forma política do Estado são postas em perigo. Concentremo-nos sobre este ponto e nos organizemos para não sofrer a decisão de guerra de um capital que se cruzou com o fascismo. Nossa tarefa é evitar a guerra, combater e vencer o capital sem passar pela guerra. Como fazer? O pacifismo será nossa arma, porque a paz é nosso desejo.

Vivi e sofri o fascismo. Meu coração é ferido e meu cérebro traumatizado quando repenso esta experiência. Vivi depois, desde 68 até hoje, sem medo do fascismo. Os crimes que lhe imputaram, a *Shoah* em primeiro lugar, impediam que fosse novamente desejado; a grande massa da população parecia tê-lo repudiado definitivamente. Somente os funcionários da soberania puderam acompanhar na lembrança (e ser coniventes nas práticas) aquelas condutas criminosas – muitas vezes renovando-as. A repressão do 68 europeu foi um exemplo disso. Eu, de toda forma, nunca tive medo, simplesmente desenvolvi desprezo por aqueles delinquentes. Hoje as coisas são diferentes: uma névoa de fumo sulfuroso, uma atmosfera espessa, impossível de atravessar pelo olhar, envolve-nos. O fascismo está onipresente. Devemos nos rebelar. Devemos resistir. Minha vida está se esvaindo, lutar depois dos oitenta se torna mais difícil. Mas o que me resta de alma me leva a esta decisão.

Na resistência ao fascismo, no intento de romper com este domínio, na certeza de que conseguiremos, este livro foi escrito. Não me resta, meus amigos, mais que deixá-los. Com um sorriso,

com doçura, dedicando estas páginas, estes três volumes que estou concluindo, àqueles homens virtuosos que me precederam na arte da subversão e da libertação, e àqueles que virão. Dizemos que são "eternos" – que a eternidade nos abrace.

Retirado de http://www.euronomade.info/?p=15810 .

---

[1] N.T.: a cura di Girolamo De Michele, Ponte alle Grazie, 2020.

[2] N.T.: Neste ponto, Toni faz referência direta ao texto "Prime Osservazioni sul Disastro Brasiliano", publicado em 21 de novembro de 2018 na *EuroNomade* (http://www.euronomade.info/?p=11277) e aos diálogos, em especial, com os brasileiros no período pós-eleitoral de vitória de Bolsonaro. À época, vivíamos em Padova e tivemos a satisfação de traduzir ao português o texto também para o mesmo espaço menos de uma semana depois: "Primeiras Observações sobre o Desastre Brasileiro" (*EuroNomade*, Nov 27, 2018): http://www.euronomade.info/?p=11312 .